

Reflexões Educacionais I

Reflexões Educacionais I

Diálogos com Ivan de Albuquerque

Grupo Marcos

Série Reflexões Educacionais

Sumário

Apresentação do Livro	5
O início: educando-se e educando	6
A estrutura da aula: seis etapas interligadas	9
Problema	10
Convergência	11
Solução Doutrinária	12
Dinâmica Relacional	13
Expressão Artístico-Cultural	15
Vivência Moral	16
Recapitulando	17
Currículo	19
Conclusão	24
Ivan de Albuquerque.	24

Apresentação do Livro

Amiga e amigo educador,

Este livro é um diálogo, um encontro. Deve ser uma daquelas conversas que nos fazem rir, pensar e, acima de tudo, que nos tornam melhores e mais idealistas.

Esse foi o resultado do meu contato com o espírito Ivan de Albuquerque, se eu for capaz de partilhar o idealismo com que ele me contagiou e as ideias que me apresentou, ficarei feliz por ter colaborado na árdua tarefa, a qual ele se propôs e que também é a nossa: aperfeiçoar os métodos da educação espírita para que esta espiritualize educador e educando em um processo que nos direcione ao encontro do Cristo.

Antes de apresentar essa proposta, falarei como ela foi sendo construída em um processo que envolveu dezenas de pessoas e de experiências práticas. Foi amadurecida, estudada e experienciada em Centros Espíritas de diversas situações socioculturais e com pessoas de todas as idades. Conseqüentemente, é impossível citar todos os que colaboraram com seu desenvolvimento e ajudaram a aprofundar a compreensão dos métodos propostos sem cometer muitas injustiças. Para complicar, Ivan de Albuquerque afirmou que as ideias que nos transmitia não pertenciam a ele, mas eram fruto do estudo de extensa equipe espiritual, formada por psicólogos, pedagogos, sociólogos, entre outros, que visavam contribuir para a educação espírita, sob a coordenação superior de Eurípedes Barsanulfo.

Dessa situação surgem dois problemas.

O primeiro: Como expressar gratidão a todos que colaboraram sem cometer muitas injustiças? Uma solução pareceu-me razoável: agradecer a todos, sem citar ninguém, além do espírito amigo que, embora não sendo o autor, representa para nós a equipe espiritual e que, interagindo conosco, elaborou a metodologia que apresentaremos. Assim, explico o anonimato dos encarnados (e da maioria dos desencarnados) envolvidos nessa tarefa, inclusive o meu, pois já que tornei a todos, anônimos, nada mais coerente que também permanecer em anonimato.

O segundo problema: Como, então, apresentar essa metodologia adequadamente? Possuímos um conjunto extenso de mensagens mediúnicas, originadas em vários diálogos que englobam temas diversos, por isso, decidimos apresentar a essência dessas conversas de forma didática e objetiva, seguindo um modelo já realizado por Léon Denis em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*.

Vamos apresentar a proposta contando um pouco de sua história, explicando seus fundamentos e, sobretudo, mostrando como pode ser aplicada e vivenciada, pois temos a certeza que sua adequada aplicação irá trazer a empolgação e o idealismo em uma intensidade nunca vista nas aulas de educação espírita.

Podemos falar sem modéstia do que apresentamos, porque as ideias não nos pertencem, apenas as conhecemos, vivenciamos e colhemos seus frutos. Agora desejamos compartilhá-las. Por isso, é muito bom estar dialogando com você!

*Capítulo I***O início: educando-se e educando**

Amiga e amigo,

Comecei evangelizar em 1992, sem ter a menor ideia do que estava fazendo. Só quem viveu a dor de uma aula fracassada pode avaliar meu sofrimento! Tinha me tornado espírita há pouco tempo e participava da distribuição de sopa e alimentos em um bairro pobre de minha cidade e, sem criticar este importante trabalho, comecei a me perguntar se não poderíamos fazer algo mais, algo que ajudasse a mudar aquele panorama tão desolador.

Empolguei-me com a ideia de evangelizar. Reuni amigos e amigas, bem como amigos dos amigos de vários centros espíritas, e organizamos um grupo. Conseguimos um local, começamos e, como já éramos conhecidos no bairro, crianças e jovens não faltaram.

No primeiro dia, dei-me conta de um detalhe: eu não sabia educar! Tínhamos apostilas, algumas evangelizadoras tinham mais de vinte anos de experiência, mas e eu?! Tive que correr atrás e não foi fácil encontrar orientação clara, de fácil acesso e, acima de tudo, que, de fato, interessasse aos meus educandos.

Assumi uma turma de juventude e a verdade é que a ajuda de minhas amigas evangelizadoras não resolveram meu problema. Busquei todos os materiais que estavam ao meu alcance. Ajudou, mas não muito. As dinâmicas quase sempre ajudavam, mas era meu objetivo apenas fazer recreação? Muitas e muitas vezes, pensei em desistir. Consolava-me pensando que, pelo menos, a prece do início das aulas seria útil.

Certo dia, quando fui mais enérgico com os alunos, pois a turma estava muito agitada, uma jovem falou algo que nunca me esquecerei. Disseram-me que nós chegávamos ali para ensinar e, depois, partíamos e não tínhamos a menor ideia do que eles passavam. Desconhecíamos suas histórias, a história de seus amigos que tinham morrido em brigas de gangue, dos que tinham sido presos, do amigo que tinha faltado porque foi visitar a mãe no presídio. Que era “muito bom” ir lá ensinar sem nada saber da realidade deles. Imagine como fiquei! Eu não tinha nenhuma orientação que deveria buscar conhecer a realidade dos educandos e muito menos sobre como fazer isso.

Comecei a conversar mais com eles, criar laços de amizade, aproximar-me. Dar espaço para que falassem o que quisessem durante as aulas. Tornei-me menos fanático em relação a ter que “dar a aula”, mas, somente em um percurso de dez anos, aprendi como integrar essa postura em uma estrutura pedagógica harmônica, estruturada. É sobre isso que esse livro trata. É isso que quero compartilhar com você, minha amiga e meu amigo.

Outra experiência que me marcou, foi quando propus aos educandos que elaborassem uma peça de teatro e os permiti que abordassem qualquer tema. Um deles, um tanto tímido, perguntou-me se poderia falar sobre gangues, disse que sim (confesso que com receio). Os três grupos fizeram peças sobre esse tema e todas havia um assassinato (de um amigo morto recentemente). A partir das peças, discutimos a imortalidade e cada grupo imaginou (com minha orientação) a situação espiritual do amigo e do assassino segundo a Doutrina Espírita.

Nunca tinha vivido uma aula tão participativa e marcante. O envolvimento afetivo dos alunos com o tema e sua apresentação por meio da arte geraram um grau de entusiasmo e aprendizado impressionantes.

Também tínhamos passeios e caminhadas, uma ou duas vezes por ano, em que trabalhávamos um tema relacionado com a atividade de lazer. Certa feita, trabalhamos o tema Deus enquanto percorríamos uma trilha. Algumas vezes, fizemos visitas a hospitais, conversamos com os enfermos e oramos por eles. Foram vivências enriquecedoras. Mas, meu amigo e minha amiga, não era possível manter o mesmo nível de empolgação e aprendizado em todas as aulas!

Sempre imaginei a aula como um momento especial da semana, que deveria marcar intensamente os educandos. Como um excelente filme ou peça de teatro que nos comove, que nos faz pensar e comentar com amigos. Um momento orientador da vida que nos inspira nas decisões e nos torna melhores. E quão grande era minha tristeza quando eu não atingia esse objetivo! Isso era frequente. O que faltava? Eu não sabia.

Como organizar aulas de forma que elas fiquem interessantes? Que modelo prático utilizar para que todas as aulas sejam profundas experiências educacionais? Como estruturar encontros que nos transformem?! Se as poucas horas que tinha com eles durante a semana não fossem excepcionais, o que ficaria para os anos futuros? Senti vivamente a necessidade de um método educacional mais profundo, que tocasse a sensibilidade do educando e que, ao mesmo tempo, fosse fácil de organizar e aplicável à realidade específica dos meus educandos. Apenas isso? Talvez você esteja pensando! Mas como pensar pequeno, quando o que está em jogo é nossa felicidade futura e presente?

Pensei em fazer um mestrado em educação. Seria esse o caminho? Frequentei algumas disciplinas do mestrado, estudei a vida e a obra de educadores importantes e isso ajudou a entender melhor a educação e a aperfeiçoar minha prática educativa. Compreendia melhor as práticas sociais envolvidas na educação e as teorias do desenvolvimento cognitivo, mas ainda estava tudo tão longe do que desejava! Será que estava “viajando na maionese” (como se diz) ao querer que, durante um encontro de uma hora e meia por semana, fosse possível desenvolver um processo verdadeiramente educativo?

Essas dúvidas eram sentidas paralelamente às aulas e, como vocês sabem, não são questões apenas filosóficas, são angústias. Há algo a fazer? O que fazer? Como seria uma proposta adequada à realidade do movimento espírita, considerando que a grande maioria dos educadores, como eu mesmo, não tinha formação pedagógica?

As soluções a estas perguntas surgiram onde eu menos esperava. As respostas foram sendo construídas através de diálogos com um amigo espiritual – Ivan de Albuquerque – em reuniões mediúnicas que participava. Ele apresentou ideias interessantíssimas e aplicáveis à educação espírita e, como ele frisava e eu constatei, não eram ideias novas, eram práticas pedagógicas já consagradas na história da educação, ajustadas à necessidade do educando atual e do movimento espírita. Como muitas vezes acontece em nossas vidas, as soluções mais inteligentes são simples e fáceis de executar. E aqui estamos, conversando sobre essas propostas.

Não imaginava que ela iria tão longe, nem que teria a alegria de dialogar com você, além da esperança de um dia nos encontrarmos em um grupo de estudos ou de termos contato via internet.

Outra questão constante em minhas reflexões era saber qual a expectativa da espiritualidade em relação a cada um de nós educadores? Repetidas vezes, recebemos mensagens explicando a importância da tarefa da educação espírita. Ivan de Albuquerque afirma ser o educador espírita aquele que deve apresentar Jesus aos educandos, o que é uma elevada missão. Deve ensinar a ser espírita no dia a dia, nas diversas situações da vida.

Respondendo à uma de nossas dúvidas/angústias sobre como pode o educador colaborar,

efetivamente, na evolução do educando com tão pouco tempo de convívio, o amigo respondeu: amando. Claro que não discordei, mas amar não pode parecer algo vago? A continuidade da resposta foi muito convincente. Vejamos. Disse que o amor mobiliza as energias conscientes e inconscientes do ser, que, para atingir esse amor, é necessário criar um padrão de convívio que seja estimulante e enriquecedor para o educador e o educando e que, a partir desse relacionamento saudável, muita coisa pode ser realizada. Citou, como exemplo, o desdobramento, pois, quando há um vínculo de amizade educador-educando é fácil para aquele ir ao encontro dos educandos durante o sono físico e, com a capacidade ampliada no mundo espiritual, aprofundar o que foi ensinado e antecipar lições dos encontros futuros, gerando, assim, uma continuidade do processo educativo que deve tornar a educação espírita extremamente efetiva, uma vez que é realizada, adequadamente, nos dois planos da vida.

O amor estimula o compromisso e o entusiasmo pela educação. Inovação e aperfeiçoamento constantes são fatores essenciais que o educador espírita não pode deixar de cultivar, pois, caso se acomode, pouco ou nada fará de verdadeiro valor. Portanto, ser educador espírita é uma proposta existencial. É uma forma de viver e relacionar-se com o mundo. É preocupar-se com a felicidade dos educandos, é orar por eles. É partilhar suas descobertas, suas dores, suas quedas e suas vitórias morais. É ser amigo, é agir como Jesus. É esse vínculo que supera a distância da semana e faz um encontro semanal ser o impulso necessário para a evolução do educador e do educando.

Algumas vezes, lembrei-me de ter sonhado com meus amigos educandos. Certa feita, fui ajudado por um grupo de crianças. Quando menos se espera, os educandos ajudam o educador. É uma relação de ajuda mútua, as crianças e os jovens são fontes da alegria de viver para quem os entende e os ama. Em síntese, devemos amar e esse amor deve nos tornar entusiastas, dedicados e dispostos a nos aperfeiçoar e a inovar a educação para que ela seja a expressão dos nossos melhores sentimentos.

Vamos ao trabalho? Ou melhor, a prática desse sublime sentimento?!

Que princípios educacionais destacam os amigos espirituais como os mais necessários à nossa prática na educação espírita?

A compreensão da realidade do educando; A capacidade de dialogar com ele;

O conhecimento da Doutrina Espírita;

A habilidade de relacionar o Espiritismo com a vida diária; O emprego educativo da arte;

A criatividade de propor formas de vivenciar o que foi aprendido.

Parece muito? Sim, concordo. Mas não é difícil alcançar essas habilidades. Explicaremos e desenvolveremos cada um destes itens e, certamente, ao final da leitura, tudo estará bem mais claro. Todas as dúvidas poderão ser discutidas através do nosso blog www.grupomarcos.com.br. Nossa metodologia de aula é um caminho empolgante, constituído de desafio, diálogo, estudo doutrinário, afeto, arte e vivência, a ser trilhado por educadores e educandos.

Capítulo II

A estrutura da aula: seis etapas interligadas

Apresentaremos uma estrutura integrada e harmônica. Suas seis etapas compõem um conjunto indivisível, facultando um processo de ensino- aprendizagem que considera as dimensões conscientes e inconscientes do educando. Além de entendê-lo como espírito reencarnado. A divisão é para fins didáticos, para ajudá-lo na hora do planejamento de aula, e não devem aparecer no decorrer da aula. É a estrutura do nosso planejamento, é a “arquitetura” da aula. É o segredo de nosso sucesso educativo. Estás disposto? Vamos! A evolução nos chama!

As seis etapas são:

- I. Problema (desafio a ser enfrentado);
- II. Convergência (diálogo, as opiniões);
- III. Solução Doutrinária (Espiritismo);
- IV. Dinâmica Relacional (afeto, a relação do Espiritismo com nossas emoções);
- V. Expressão Arte-Cultural (arte, a criação de cada um);
- VI. Vivência Moral (doutrina na prática, em nossa vida).

Dedicaremos nosso maior esforço a explicar cada uma dessas etapas, com exposições e exemplos. Elas são simples e uma vez compreendidas e vivenciadas, teremos um método excelente de elaboração de nossas aulas espíritas, que pode ser utilizado com alunos de todas as classes sociais e de todas as faixas etárias.

Vejam a explicação e os exemplos.

*Capítulo III***Problema**

A primeira etapa consiste na apresentação de uma situação desafiadora. É simples e essencial. É a forma empolgante de introduzir o tema que será estudado.

O que é mais estimulante: falar “hoje estudaremos o tema Deus” ou mostrar um rosa ou uma foto (ampliada e colorida) com milhares de estrelas e indagar “Quem é o autor de tudo isso”?

O que é mais interessante: mostrar um trecho de dois ou três minutos de um vídeo com Chico Xavier psicografando ou simplesmente dizer “os espíritos comunicam-se com os encarnados”? São exemplos de como problematizar.

Isso é o problema, é problematizar. É iniciar a aula com algo estimulante, instigante, motivador. A apresentação de um objeto, uma encenação, um poema, um trecho de um filme que mobilize a atenção, que desperte a curiosidade, a vontade de aprender. Você sabe quem fazia isso? Jesus de Nazaré.

Ao encontrar uma mulher no poço de Jericó, Jesus pede-lhe: “mulher, dá-me de beber”. A mulher responde um tanto assustada e deseducada: “como tu, sendo judeu, pede água a mim, que sou mulher e samaritana”. Não era certo, segundo os costumes da época, um homem judeu dirigir a palavra à uma mulher da Samaria (João 4:7). Não sabia Jesus disso? Claro! Ele conhecia os costumes. Realmente, precisava o Mestre que a mulher lhe desse água? Certamente, não. É uma pergunta problematizadora, quer dizer, o objetivo era iniciar um diálogo educativo, o que de fato aconteceu.

Muitas vezes, antes de curar, Jesus perguntava: “o que queres que eu faça?” (João 5:6; Marcos 10:51; Lucas 18:41). Obviamente que, Jesus, dada sua elevação, sabia o desejo do enfermo. Por que, então, perguntava? Para mobilizar a atenção e a fé do enfermo, fazendo-o colaborar na própria cura. Jesus leva os discípulos ao templo e pede que observem as doações feitas. Após a observação, ensina o que é a verdadeira doação. Ir ao templo observar é uma situação problematizadora.

Refletindo sobre a história do Espiritismo, observamos que os espíritos explicam a Kardec que a fase das mesas girantes foi permitida pelos espíritos superiores para chamar a atenção dos homens por meio de um fenômeno material, despertar-lhes o interesse, a curiosidade, a busca de explicações. Foi uma excelente estratégia de mobilização da atenção. Uma experiência problematizadora. É isso que sugerimos a você amiga e amigo educador, iniciar a aula, despertando o mais vivo interesse pelo tema a ser estudado. Depois, mostraremos várias formas de problematizar. São fáceis e práticas. Todos podem fazer.

Capítulo IV

Convergência

Mobilizar a atenção, estimular o interesse e a curiosidade é a etapa inicial e necessária para uma excelente aula. E depois? Como diz o ditado, quem pergunta quer saber.

O passo seguinte é dialogar, debater, estimular que cada educando se posicione. Somente quem se posiciona adquire uma convicção sincera. Uma convicção de fachada é algo pernicioso para o indivíduo e para a sociedade. Na educação espírita é preciso posicionar-se, concordar ou discordar, pois, somente assim, conheceremos os nossos educandos, suas opiniões reais, seus valores, sua forma de pensar e argumentar.

Deve haver espaço, acolhimento para as posições do evangelizando, independentemente, de concordarmos ou não com as opiniões. Kardec não aceitou a comunicabilidade dos espíritos, nem o princípio da reencarnação desde o início, nem por isso os bons espíritos o abandonaram. O que é importante é a busca sincera. Conhecimento verdadeiro é conhecimento amadurecido por meio do diálogo, do debate.

Como fazer a convergência? Existem várias maneiras, diremos algumas. A técnica, por exemplo, do julgamento de uma ideia, em que os educandos se posicionam contra ou a favor de uma ideia ou situação. O debate é estimulado por perguntas do educador (como fazia Sócrates). Se o problema for uma história, pode-se avaliar a conduta dos personagens, por exemplo. Se o objetivo do Problema é chamar atenção, pode-se despertar a sede de saber.

O objetivo da Convergência é fazer com que os educando se posicionem. Advinha quem fazia isso? Jesus. Quando a mãe de João e Thiago foi conversar com Jesus sobre os filhos, o Mestre indagou diretamente a eles: *podeis beber o cálice que eu hei de beber?* (Mateus 20:22). É uma forma de fazê-los se posicionarem em relação à missão que lhes cabia.

Em outra ocasião, Jesus indaga aos discípulos o que os homens dizem dele e, em seguida, pergunta aos discípulos: “e vocês o que pensam de mim?” (Marcos 8:27). E, a partir das respostas dos apóstolos, ele ajuda os discípulos a refletirem sobre a Sua missão e, conseqüentemente, sobre a deles, que o acompanhavam. Não poderia o Mestre ter, simplesmente, ensinado o que queria? Por que ele queria ouvir o que os outros pensavam? Porque ele é o maior educador de todos os tempos, sabia o que estava fazendo.

Será que Kardec estimulava o debate? Sim. Antes e depois de tornar-se espírita. Além de O Livro dos Espíritos, que foi todo estruturado em perguntas e respostas, o livro O que é o Espiritismo foi estruturado em forma de debate, expressando as mais diversas opiniões sobre o Espiritismo, como a de um cético, a de um crítico e a de um padre. Permitiu, inclusive, o debate entre os espíritos, como vemos na Revista Espírita.

O debate é o que, aqui, chamamos de Convergência. Eurípedes Barsanulfo – o modelo maior de educador espírita – realizava, semanalmente, debates sobre o Evangelho e a Doutrina Espírita entre seus alunos, além dos debates avaliativos do desempenho escolar que aconteciam no fim do ano. Nesses debates, seus alunos respondiam perguntas de professores e estudiosos que vinham de outras cidades. Os depoimentos dos educandos do Colégio Allan Kardec são unânimes em afirmar que Eurípedes exigia que todos soubessem analisar as causas do que estudavam, bem como defender suas ideias. Estimular os educandos a se posicionarem é ensiná-los a expressarem seus pensamentos com ética e honestidade.

Capítulo V

Solução Doutrinária

Pequeno Resumo. Até aqui, falamos sobre como iniciar a aula de forma estimulante e, a partir desse estímulo, permitir que os educandos expressem suas opiniões. O próximo passo é a apresentação do Espiritismo Após apresentarmos o tema de forma interessante e estimular um debate empolgante, chega o momento de ofertarmos a Doutrina. Observe que estamos falando de um processo contínuo e dinâmico, as etapas vão se sucedendo naturalmente e o debate deverá desembocar na Solução Doutrinária. Por isso, ele é chamado de Convergência. A Solução Doutrinária é o ponto de chegada das discussões.

Como desenvolver essa fase? Podemos apresentar a doutrina, falando, como fez Jesus no Sermão da Montanha, por exemplo. Podemos distribuir textos que expliquem aspectos diferenciados do problema discutido em dois ou três grupos e pedir que cada grupo explique o que entendeu. Podemos apresentar a Solução Doutrinária em um trecho de palestra ou entrevista (áudio, vídeo ou escrita). As possibilidades são variadas – teatro, fantoche, explicação –, por isso, nada de repetição! É possível – e muito importante – sempre associar a Solução Doutrinária às respostas de O Livro dos Espíritos relativas ao tema. É uma forma real de mostrar a importância dessa obra e sua riqueza temática. Devemos apresentar a grandeza do Livro-amigo aos educandos!

O LIVRO DOS ESPÍRITOS é a base doutrinária e deve ser nosso amigo na reflexão de qualquer tema espírita ou não espírita. Por isso, defendemos a ideia de que o mesmo deva estar sempre presente na Solução Doutrinária, claro, de formas variadas.

Primeiro, apresentamos o tema da aula de forma empolgante e envolvente. Segundo, discutimos o tema estimulando a participação de todos. Terceiro, apresentamos a Doutrina Espírita, confirmando sua amplitude e sua grandeza, ao provar sua capacidade em esclarecer as mais diversas problemáticas apresentadas. Então, terminou a aula? Para a nossa alegria, não! Lembra que falei que nossa proposta considerava o indivíduo em suas dimensões conscientes e inconscientes, além da espiritual e reencarnatória? É na segunda etapa, que desenvolveremos as práticas educativas que irão auxiliar um aprendizado emocional e espiritual em profundidade, pois de que adianta formar “doutores” em Espiritismo, se eles não vivem como espíritas? Certamente, nada. É preciso conhecer, sem dúvida, porém, é mais importante sentir e viver. Os próximos três passos são essenciais para esse tipo de educação, que é a educação espírita.

*Capítulo VI***Dinâmica Relacional**

É o momento de pensar como o saber espírita - A Solução Doutrinária

- se aplica em nossa vida, em nosso cotidiano, como se relaciona com as nossas emoções.

No caso do tema Deus, por exemplo, podemos fazer uma meditação e pedir que os educandos sintam Deus e pensem em quais momentos de seus dia a dia, eles se sentem mais próximos de Deus ou o que falta para que estejam mais próximos do Criador. As experiências podem ser compartilhadas com o grupo.

Podemos pedir que avaliem situações vividas, relacionando-as com Deus. “Conte-nos uma experiência em que você se sentiu mais perto de Deus?”, as resposta devem ser compartilhadas. Desenvolver a oportunidade de desvelarmos a nossa relação emocional com Deus.

É um momento excelente, quando, naturalmente, conhecemos mais um ao outro.

Em uma aula, emocionei-me quando, discutindo o tema tarefas reencarnatórias, um educando contou que sentia que sua tarefa era ajudar um irmão autista. Como é enriquecedor conhecer o outro! Graças à Dinâmica Relacional, isso foi possível.

No tema mediunidade, por exemplo, podemos tentar identificar experiências mediúnicas que tivemos, como sonhos lúcidos, avisos intuitivos que se realizaram ou as experiências em reuniões mediúnicas.

Observe que devemos valorizar, nessa etapa, a experiência pessoal. Relacionar a história de vida com o tema doutrinário estudado. Nunca tinha me dado conta da grandiosidade que é compartilhar, amigavelmente, as histórias de nossas vidas em uma aula espírita. Todos precisamos disso, principalmente, em uma sociedade tão solitária em que não se tem tempo de tecer laços de amizade.

Jesus desenvolveu essa prática? O que você acha? Podemos afirmar que sim. O Mestre, frequentemente, revelava seus sentimentos aos discípulos, seja os de alegria, como na casa de Zaqueu, ao afirmar que “Hoje, a salvação veio a esta casa”; seja os de tristeza, quando chora ao ver o sofrimento dos parentes de Lázaro (João 11:3-35), ou os sentimentos de lamento ao constatar a rebeldia dos homens ao não aceitarem seus ensinamentos, expressando sua vontade de a todos acolher fraternalmente. “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste” (Mateus 23:37). O Mestre era capaz de expressar seus sentimentos aos homens, apesar da imensa diferença evolutiva entre nós e Ele.

Kardec também compartilha sua história e lutas com os amigos. Vemos, por exemplo, nas cartas que enviava aos espíritas de várias cidades francesas, a expressão de seus sentimentos, de suas dificuldades e lutas descritas no livro *A Viagem Espírita* em 1862.

Eurípedes Barsanulfo, narra Corina Novelino, em *O Homem e a Missão*, compartilhava suas experiências mediúnicas com seus alunos. Desdobramentos, curas, fenômenos de efeitos físicos etc. Narra à D. Amália, o encontro que teve com Jesus em um momento de intensa provação.

Certamente, Jesus, Kardec e Eurípedes ao expressarem seus sentimentos e experiências não estavam cultivando o pessimismo, a vaidade ou expondo- se indevidamente. Vivem de

forma saudável e ensinam, assim, a viver. Mostram que é saudável saber consolar e saber ser consolado de forma lúcida e equilibrada. Até porque, quem não aprende a compartilhar, ouvir e expressar os sentimentos de forma equilibrada, cedo ou tarde, o fará de maneira desequilibrada.

A educação espírita tem que nos ensinar a sermos amigos. Essa etapa da aula é uma excelente oportunidade para desenvolvermos a amizade. Na próxima etapa, trabalharemos a assimilação profunda do que foi aprendido.

Capítulo VII

Expressão Artístico-Cultural

A arte é um dos meios mais poderosos de ensino, pois a vivência artística mobiliza energias conscientes e inconscientes do educando. Nessa fase, vamos convidar o educando a realizar uma produção artística. Todos somos artistas por herança divina, espiritual. Afinal, somos filhos do Criador. E que Artista é nosso Pai!

Nessa etapa, vamos expressar artisticamente o tema da aula, que pode ou não estar vinculado à Dinâmica Relacional. No caso, por exemplo, do tema Deus, podemos, usando argila, expressar um dos atributos de Deus em Sua obra ou, simplesmente, o que mais gostamos na criação. É possível representar uma história sobre o que foi aprendido com o tema mediunidade por meio do teatro ou de mímicas. Pintar, compor um poema ou fazer uma coreografia, sempre, expressando a Solução Doutrinária.

Certamente, a expressão artística pode ser usada para iniciar a discussão – como Problema – nesse caso, não será obrigatório ser doutrinariamente correta.

Jesus utilizava-se da arte para ensinar? Não é o Sermão da Montanha conhecido por sua beleza poética? É uma rica imagem literária. Literatura, como sabemos, é expressão artística. O Pai Nosso, o mais belo texto de todos os tempos, é o exemplo mais marcante. As parábolas são criações artísticas de Jesus que, apesar de não as ter escrito, é seu criador. Podemos também observar a valorização da beleza por Jesus na escolha dos locais de pregação, nos lagos e nas montanhas, paisagens naturais que expressam a paz e a grandeza de Deus.

Podemos chamar de Expressão Arte-Cultural, quer dizer, produção artística dos educandos que expressa o conteúdo ensinado, os Evangelhos, que foram escritos por seus educandos mais próximos, os apóstolos.

Kardec foi autor de peças teatrais, infelizmente, perdidas, bem como valorizou obras literárias educativas. Foi tradutor das obras educativas de Fenelon. Na Revista Espírita, publica poemas mediúnicos e não-mediúnicos, comenta e cita trechos de romances espíritas e não-espíritas. Valoriza a música, a pintura e o desenho (publica um desenho de Júpiter). Com tudo isso, é de se estranhar, caso exista, alguém no movimento espírita que não valorize a arte.

Eurípedes utilizava o Teatro como um instrumento educativo por excelência. Após as provas finais do colégio Allan Kardec, havia um espetáculo teatral e saraus literários que atraíam pessoas de várias cidades ao redor de Sacramento-MG.

Capítulo VIII

Vivência Moral

Após a apresentação do tema (Problema), de sua discussão (Convergência), do estudo da doutrina (Solução Doutrinária) de relacionarmos o tema com a nossa vida (Dinâmica Relacional) e de expressarmos artisticamente o que aprendemos (Expressão Arte-Cultural), concluímos com a Vivência Moral, que é a culminância do aprendizado e o vínculo do dia a dia do educando com o Espiritismo.

A Vivência Moral é uma proposta de ação direcionada pelo tema, como, por exemplo, falar sobre Deus com um familiar ou amigo durante a semana, orar por alguém que esteja necessitando, enviar uma mensagem (ou doação) para um grupo que esteja vivenciando uma tragédia. É indispensável que a tarefa proposta tenha um vínculo claro com o tema estudado. Por exemplo, ao tratar o tema Deus: enviar ajuda a alguém porque este alguém é filho de Deus e, como nosso irmão, deve ser ajudado. No tema comunicabilidade dos espíritos, orar por alguém por compreender que a oração é um tipo de comunicação espiritual e mobilizará a ajuda dos espíritos para a pessoa por quem oramos.

A aplicação da Vivência Moral é o método, por excelência, de Jesus. A vida dos apóstolos é a prova viva de sua importância.

Kardec e os espíritos da Codificação nos alertam que a educação moral não é obra dos livros, mas da formação dos caracteres e isto se dá, principalmente, por meio da ação.

Eurípedes Barsanulfo, inspirado nos métodos de Jesus e Kardec, desenvolve uma forma inteligentíssima de um curso de passe. Os alunos, para poderem aplicar passes, deveriam cuidar de pessoas enfermas, desvelarem-se por elas, ampará-las durante a noite. Desenvolver sentimentos de carinho pelos que sofrem. Somente depois, estariam preparados para serem passistas. É um método excelente, pois sabemos que é o amor, o sentimento de compaixão, o mais poderoso meio de mobilizarmos nossas energias a favor dos que estão sofrendo. Isso é a essência da Vivência Moral. Em nosso caso, é uma proposta semanal que, naturalmente, avaliaremos sua aplicação (sucessos e fracassos), sempre buscando superar as dificuldades, aprender com erros e estimular o crescimento de todos por meio da prática espírita.

Caíputlo IX

Recapitulando

Nossa aula deve começar com um desafio que chamamos de Problema. Sua função é mobilizar a atenção dos educandos e também provar a atualidade da Doutrina Espírita, pois ele inicia um processo de discussão sobre um tema atual, que pode estar expresso por meio de um trecho de novela, filme, jornal, teatro, mímica, entre outros. Quando aprendemos a descobrir o lado interessante do que fazemos, a vida se torna muito mais prazerosa. O problema também nos ensina a ver a vida com empolgação. Em uma sociedade verdadeiramente criativa, não há necessidade de compensar as frustrações com drogas e violência.

Após o problema, temos a convergência. A Convergência é o momento do debate e, nele, realizamos um importante exercício emocional de escutarmos opiniões diferentes e de estimularmos a coragem dos educandos em expor seus pontos de vista, suas opiniões, suas reflexões. Quando aprendermos a ouvir e a debater sem agredirmos, não haverá mais guerras e brigas familiares. A convergência é, também, educação para a paz. Em uma sociedade em que se dialoga, o respeito ao outro é valor máximo.

Na Solução Doutrinária, confrontamos as opiniões com a Doutrina Espírita, aprendemos a raciocinar segundo os princípios espíritas aplicados às temáticas atuais. É uma maneira valiosa de aprendermos e, de fato, pensarmos como espíritas em nosso cotidiano e em relação a todos os temas, tais como, temas sociais, pessoais, profissionais ou familiares. Nessa etapa, realiza-se a primeira síntese do encontro, provando que o Espiritismo pode e deve nos esclarecer sobre todas as temáticas que refletimos e vivenciamos. A solução doutrinária nos prova a capacidade do Espiritismo de nos esclarecer sobre as problemáticas psicológicas e sociais, e isso é fundamental. Apenas quando pensarmos com conceitos elevados no dia a dia, é que nos espiritualizamos. Uma sociedade organizada segundo os princípios de justiça e amor, somente existirá quando seus integrantes pensam e ajam desta forma.

A Dinâmica Relacional é um momento precioso, quando devemos relacionar o que aprendemos com o que vivemos. É a educação emocional por meio do compartilhamento dos sentimentos e experiências do grupo. É o momento do desenvolvimento intenso da inteligência emocional. É a prática que leva ao autoconhecimento. Quando aprendemos a avaliar nossa conduta e temos a coragem de expressá-la para amigos, tornamo-nos mais autoconscientes e responsáveis. Em uma sociedade em que se vivencie a dinâmica relacional, não há solidão e desespero.

A Expressão Arte-Cultural é o momento de interiorização de tudo o que foi estudado, do conteúdo e, principalmente, da forma de pensar e agir ensinada ao longo da aula. Pensar e agir com criatividade, com respeito ao outro, com princípios elevados e lúcidos, com autoconhecimento e capacidade de compartilhar sentimentos é o caminho para construirmos uma sociedade feliz. A sociedade feliz do futuro que todos desfrutaremos por a estarmos construindo em nossa vida.

A Vivência Moral é a concretização, na vida, de tudo o que aprendemos em nosso encontro. É o que consolidará, para nós e para as pessoas que conosco convivem, o processo de espiritualização vivido na estrutura de aula. Um processo, ao mesmo tempo simples e profundo, que tem impactos reais em nosso psiquismo e em nossa sociedade. Quando consolidarmos a vivência moral em nossas vidas, desenvolveremos o hábito de praticar o bem e, uma vez que esse hábito esteja consolidado, teremos o Reino de Deus na Terra como expressão natural de nossos corações.

*Capítulo X***Currículo**

Das inúmeras definições de currículo, parece-me mais adequada a que o define como sendo o conjunto de experiências educativas vividas. Inicialmente, podemos pensar que, apesar de boa, essa definição é um pouco vaga. Concordo, mas espero que, ao final dessa leitura, possamos compreender objetivamente o que esta definição significa. Estamos juntos? É preciso que sim, pois currículo também pode significar caminho e, se percorremos esse caminho juntos, você irá percorrê-lo com seus educandos de forma criativa e feliz. Começemos!

Podemos dividir, didaticamente, o currículo em duas partes ou dimensões. Uma, é o currículo explícito, aquele que define o conteúdo a ser estudado em uma aula. A outra parte é o currículo oculto, ele não está escrito, não é “visível”, mas que é o principal responsável pela educação emocional, que é a educação moral.

Como currículo explícito, os currículos baseados em *O Livro dos Espíritos* parecem mais adequados, por aproximarem educadores e educandos da obra central do Espiritismo, bem como pela amplitude de temas que orientam, evitando-se repetições cansativas. Conheço dois currículos com essa característica. O primeiro está apresentado no livro *Encontro Evangelizador Espírita*, sistematizado pela professora Ângela Linhares, orientado pelo espírito Ivan de Albuquerque por meio do médium Nilton Sousa, editado pela Federação Espírita do Estado do Ceará.

O segundo é o currículo elaborado por Walter de Oliveira Alves, disponível em sua obra *Educação do Espírito*, edição da IDE (Instituto de Difusão Espírita). Ambos são excelentes trabalhos. No futuro, poderemos dar nossa contribuição nessa área.

O currículo oculto é composto pelas regras de convívio, pelo que se pode e pelo que não se pode fazer, pelas atitudes, comportamentos, valores do educador e dos trabalhadores do centro. É composto pela empolgação ou pelo desânimo. Pela fé ou pelo medo ante a vida. Pela organização ou pela desordem. Enfim, pela vibração dos educadores e pelo amparo espiritual conquistado no centro. Na academia, chama-se o currículo oculto de pedagogia invisível, é um nome muito feliz e que expressa mais do que se pensa.

Um exemplo: em uma aula sobre a comunicabilidade dos espíritos, imaginem um(a) educador(a) explicando a naturalidade do fenômeno mediúnico, quando um aluno pergunta:

- Você já viu ou sentiu a presença de algum espírito? E tendo, como resposta, algo como:
- Eu não! Deus me livre de ver ou sentir espíritos! O que isso significa?

Significa duas coisas conflitantes, ditas em duas linguagens diferentes. Uma é a linguagem explícita (do currículo explícito): a mediunidade é uma faculdade natural; a outra é: o fenômeno mediúnico é algo perigoso. Devemos dizer que é natural, mas devemos temê-lo! E como a linguagem implícita educa mais que a explícita, esse(a) educador(a) imaginário(a) estará ensinando que devemos temer e evitar a mediunidade! Entendeste a importância do currículo oculto e da linguagem implícita?

Por que o ensino de Jesus era tão profundo e intenso? Porque ele era cem por cento coerente. Não seremos educadores como Jesus, mas podemos utilizar o poder do currículo oculto em favor de nossos educandos, se nos dispusermos a aceitar a inspiração de Jesus, independentemente, da idade que tenham.

O que destaco é que o verdadeiro educador deve preparar-se não apenas para ensinar o currículo explícito, mas, principalmente, ensinar Espiritismo por meio do currículo oculto. Associando os dois currículos de forma coerente, tornaremos a educação espírita efetiva.

Precisamos reformar nosso sofrido mundo, mas, antes disso, é necessário que reformemos nossa preparação de educadores que agem em nome do Cristo. Estamos preparando outras obras sobre a qualificação do educador espírita. Discutiremos o conteúdo doutrinário, as técnicas a serem utilizadas na estrutura de aula e, também, a preparação emocional de cada um de nós. Espíritos amigos nos asseguram que é um momento de transformação para todos nós, os educadores. Todos os que, apesar das imperfeições, estiverem dispostos ao esforço necessário para se tornarem melhores educadores, contribuirão, de fato, para a felicidade de seus educandos, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos. Todos somos espíritos imortais. Por isso, a obra de educação é essencial: somente alcançaremos o Pai por meio da educação com o Cristo!

Práticas Educacionais

Vamos, agora, conversar um pouco sobre questões práticas.

Como dividir o tempo das atividades em seis etapas? Apresentamos, a título de sugestão, a seguinte divisão de tempo. Naturalmente, dependendo das atividades de cada etapa, haverá variações.

É preciso estar atento para que a dinâmica relacional e a expressão arte-cultural, na mesma aula, não sejam atividades que precisem de muito tempo. Somando-se, as duas devem totalizar 20 minutos.

É essencial que toda a aula seja apresentada em um único momento, podendo durar entre 60 e 90 minutos. Portanto, não se deve dividir a aula em dois ou mais encontros.

- I. Problema – entre 5 a 10 minutos
- II. Convergência – entre 10 a 15 minutos
- III. Solução Doutrinária – entre 20 a 25 minutos
- IV. Dinâmica Relacional – entre 5 a 15 minutos
- V. Expressão Arte-Cultural – entre 5 a 15 minutos
- VI. Vivência Moral.

Exemplos de Aula

Apresentamos algumas aulas através de um quadro que mostra alguns dos aspectos do currículo oculto, buscando evidenciar a linguagem implícita que, utilizamos conscientes ou não.

Dada a relevância desse tema, iremos, em outro livro, discutir as dimensões envolvidas nas linguagens implícitas. É toda uma reflexão pedagógica que, aqui, inicia-se. São Reflexões Educacionais que consideram, não apenas o conteúdo, mas também, o afeto e o intelecto, o consciente e o inconsciente, a dimensão material e a espiritual, a linguagem explícita e a implícita, a evolução do educando e do educador.

A proposta de educação Espírita é de uma pedagogia profunda. Seu objetivo é tornar o processo educacional espírita uma intensa experiência de autoconhecimento e de evolução coletiva. É fazer da aula espírita um momento especial e inesquecível, como fez nosso Mestre na Galiléia, com todos. É reviver esse processo na atualidade com todos que decidiram ouvir ao Seu chamado. Seguem os exemplos, nossa caminhada começa a se tornar prática. Boa leitura!

Idade: 3 a 6 anos

Tema do currículo: Capítulo I - Deus

Tema específico: Provas de existência de Deus

Problema: Levar um trecho de desenho animado que seja conhecido do grupo e que mostra a criação divina.

Convergência (são apenas exemplos de questões): Após apresentação do desenho animado, fazer perguntas para as crianças, ouvi-las atentamente, discutir com elas. Exemplo de perguntas: o que mais gostaram de ver nas imagens? De qual animal vocês mais gostam? Tinha algum animal valente? Apareceu algum animal mansinho? Tinha plantas bonitas? Havia frutos? Tinha algum animal se alimentando delas? Esses animais vivem sozinhos? Quem cuida deles? Deus cuida de todos na natureza? Foi Ele quem os criou? E quem nos criou?

Solução Doutrinária: Rever o desenho, pausando em alguns momentos e comentando com as crianças sobre a beleza e a importância da água, da terra, das plantas, dos animais etc. Explicar que a natureza está presente em nosso dia a dia e que devemos amá-la...

Dinâmica Relacional: Qual o animal criado por Deus que você mais gosta? O que você gosta nele? Como ele gosta de ser tratado? Como você trata os animais?

Expressão Arte-Cultural: Desenhar e pintar o animal que mais gosta e explicar como ele gosta de ser tratado.

Vivência Moral: Propor aos educandos que agridem algumas plantas e explicar-lhes que é uma forma de ajudar Deus a cuidar da natureza.

Idade: 7 a 10 anos

Tema do currículo: Capítulo - Vida espiritual Tema específico: Mundo normal primitivo

Problema: Contar, através do teatro (pode ser de fantoches), com cenário bem caracterizado, a história de um garotinho de 10 anos, chamado Raul, que desencarna e chega ao mundo espiritual.

Convergência (são apenas exemplos de questões): Raul, nos primeiros momentos, ainda se encontra meio desorientado e indaga (inclusive para as crianças): O que aconteceu comigo? Ei, pessoal eu estou sonhando? Onde estou? O que será que vai acontecer comigo agora? O que vocês acham crianças?

Solução Doutrinária: Após as crianças se manifestarem, dizendo para o Raul o que pensam sobre o que vai acontecer com ele, surge Pedro – o anjo da guarda de Raul. Ele explica a imortalidade e a naturalidade da vida espiritual (o educador deve elaborar essa explicação baseando-se em O Livro dos Espíritos). Raul se sente feliz, fala que a sensação de solidão que estava sentindo desapareceu com a presença de Pedro. Raul pergunta ao seu anjo, onde ele aprendeu tudo que ensinou a ele. Pedro lhe apresenta O Livro dos Espíritos e o convida para um passeio.

Durante o percurso, Pedro explica a Raul que ele não faz mais parte do mundo material, ele retornou ao seu verdadeiro mundo, o mundo Espiritual. Ele foi à Terra para aprender algumas coisas e estava ali porque havia chegado a hora de retornar. Seguindo o caminho, Raul encontra muitas coisas interessantes já conhecidas, como uma escola, um hospital, crianças brincando, gente trabalhando e estudando, tudo em perfeita harmonia.

Ele diz a Raul que passará uns tempos morando com a sua avó, Luci, numa casa que fica perto do lago. Raul fica ansioso e quer passear por todos os cantos da colônia, mas Pedro diz que esse passeio vai ficar para outro dia. Ele precisa descansar e repor as energias.

Dinâmica Relacional: Ao encerrar a história, o educador instigará os educandos a relatarem fatos ou experiências ligadas a um amigo ou parente desencarnado e como eles se sentem

em relação a essas pessoas.

Expressão Arte-Cultural: O Educador pedirá que as crianças pintem, em uma tela, como elas imaginam que as pessoas que eles retrataram devam estar, visto que, no plano espiritual, não ficamos parados sem fazer nada (a exemplo do relatado na história de Raul, que viu pessoas trabalhando, estudando...).

Vivência Moral: Ofertar a pintura a algum amigo ou familiar que conheça a história da pessoa retratada.

Idade: 11 a 14 anos

Tema do currículo: Capítulo IV- Pluralidade das existências Tema específico: Reencarnação

Problema: O Educador apresentará trechos do filme “Meu pé esquerdo” (ou de outra história que fale sobre deficiência física, podem ser também fotos de crianças deficientes, o importante é que visualizem alguma imagem desta natureza).

Convergência (são apenas exemplos de questões): Com o intuito de estimulá-los a uma reflexão, o educador lançará as seguintes perguntas: Por que existem tantas desigualdades entre as pessoas? É castigo de Deus? Como podemos ver justiça na situação dos deficientes físicos?

Solução Doutrinária: Explicar aos educandos que, em cada encarnação, sofremos consequências de nossos atos do passado e que tais consequências, muitas vezes, são escolhidas por nós. Acrescentar que espíritos evoluídos podem pedir para nascerem com deficiências para darem exemplo e para ajudarem seus familiares a evoluir. Em ambos os casos, o objetivo é igual: aumentar a capacidade de amar de todos. Contar o caso de Marcelo que está no livro O Céu e Inferno, capítulo Expições Terrenas.

Dinâmica Relacional: Instigar os educandos a darem depoimentos de como eles se relacionam com pessoas que tem deficiências, seja no convívio mais próximo ou nos ambientes públicos. E fazê-lo identificar quais deficiências são portadores. É comum, por exemplo, a deficiência visual (usar óculos ou lente), a deficiência de memória para nomes, por exemplo, ou de guardar endereços etc. Fundamental é mostrar que todos possuímos algum tipo de deficiência.

Expressão Arte-Cultural: Propor que os educandos elaborem e encenem uma peça teatral sobre a vida de Marcelo.

Vivência Moral: Apresentar a peça à outra turma ou ao grupo de pais.

Idade: 15 a 18 anos

Tema do currículo: Cap. XI - Lei de Igualdade Tema específico: Desigualdades sociais

Problema: Exibir uma cena de um assalto do filme “O contador de histórias”.

Convergência (são apenas exemplos de questões): Solicitar que os jovens façam comentários sobre a situação apresentada no problema, questionando: Que motivos incentivaram o jovem à prática deste ato? Que consequências ele poderá sofrer no plano material e espiritual? Como o jovem poderia ter evitado esta situação? Como a sociedade poderia evitar problemas deste tipo? Como podemos contribuir para que isso não ocorra mais?

Solução Doutrinária: Distribuir papéis contendo uma das perguntas de O Livro dos Espíritos com as questões Lei de Igualdade (806 a 808 e 814) e Lei de Justiça (881, 884, 888). Solicitar que um jovem leia em voz alta a pergunta, outro leia a resposta, que outro leia o comentário de Kardec e, assim, sucessivamente. Durante a leitura, fazer observações e comentários.

Dinâmica Relacional: Dividir o grupo em duplas para que comentem sobre as experiências vividas, nas quais foram beneficiados com a prática do bem por outra pessoa e dizerem como se sentiram.

Expressão Arte-cultural: Em grupos de cinco componentes, escolher e encenar uma das situações narradas na dinâmica relacional.

Vivência Moral: Realizar uma atividade que concretize uma das soluções apontadas pelos jovens na Convergência que está de acordo com a Solução Doutrinária. Por exemplo, a doação de um livro de cada jovem à uma Escola Pública ou Campanha de divulgação no Centro Espírita do Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), destacando o direito à Educação.

Idade: 18 ou mais

Tema do currículo: Cap. X - Ocupação e Missão dos Espíritos **Tema específico:** Missão dos encarnados

Problema: O educador entrega cópias do texto: “A queda de Otávio”, capítulo 7 do livro “Os mensageiros” (André Luiz, psicografia de Chico Xavier). Pede que cada educando leia um parágrafo em voz alta, destacando os trechos em que Otávio fala sobre seu planejamento e, em seguida, suas falhas.

Convergência (são apenas exemplos de questões): Após a leitura, questionar com o grupo: Otávio tinha algo a cumprir? Qual seria sua missão? O que lhe fez falhar? Somente Espíritos encarnados têm missões? Que tipo de missão pode ter um espírito desencarnado?

Solução Doutrinária: Incentivar o grupo a buscar respostas em O Livro dos Espíritos, no livro II, capítulo X. Ouvir comentários e dúvidas do grupo, destacando que todos temos missões a cumprir, contribuindo com Deus na Obra da Criação.

Dinâmica Relacional: Pedir que todos relaxem – utilizar música – e fazer uma prece, pedindo que os bons espíritos auxiliem na compreensão e na execução das obrigações assumidas. Após, dividir o grupo em duplas para que conversem sobre o que imaginam ser a missão de cada um nesta encarnação.

Expressão Arte-Cultural: Encerrada a conversa em duplas, pedir que cada pessoa escreva um cartão ao amigo com o qual conversou, para que o incentive no bom desempenho de sua missão.

Vivência Moral: Estabelecimento de uma ação concreta em relação à missão de cada um.

Capítulo XI

Conclusão

Amiga e amigo,

Essa é uma exposição resumida de nossa proposta. É nosso desejo que trabalhemos juntos! Ao refleti-la e vivenciá-la, ficará cada vez mais fácil elaborar aulas diferenciadas e interessantes.

É natural que, no início, aparecem algumas dificuldades. Inovar requer coragem e responsabilidade, por isso, você pode contar conosco. Ajudaremos em suas dúvidas que nos enviarem e divulgaremos os exemplos de aulas estruturadas para todas as idades. Mas atenção: é necessário que você desenvolva a própria criatividade. Aproveitando ideais, mas nunca copiando aulas que não são adequadas ao seu grupo. Prepare-se para criar suas próprias aulas.

Fiquemos em contato por meio do nosso blog www.grupomarcos.com.br e do nosso e-mail: marcos@grupomarcos.com.br.

É preciso que cada um de nós dê sua cota de reflexão, de criação e de amor. Estamos juntos e constituiremos um grupo de amigos da educação. Ajudaremos no despertar das belezas espirituais que existem em cada um de nós e em nossos educandos, trabalhando juntos e com o apoio do nosso amigo Ivan de Albuquerque e de toda equipe espiritual por ele coordenada.

Ivan de Albuquerque.

Ivan Santos de Albuquerque nasceu em Brotas, estado de São Paulo, em 16/01/1918 e desencarnou em 05/04/1946 aos 28 anos.

Jovem dedicado ao Bem, foi espírita sincero e trabalhou intensamente em prol da Doutrina Espírita e do amparo de quem sofre. Soube, sempre, sacrificar-se em benefícios dos irmãos e familiares, como também de todos que encontrou em seu caminho. É o espírito amigo que, desde 2001, coordena ostensivamente nossas atividades.

Entre em contato conosco.

Nosso e-mail.

marcos@grupomarcos.com.br

Nosso Blog

WWW.GRUPOMARCOS.COM.BR